

CARA DE UM, FAMA DE OUTRO

Reflexões sobre identidades consagradas
no *reality show I want a famous face*¹

Ana Catarina Holtz²

Bruna Mayo³

Paola Mazzilli⁴

Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, SP⁵

RESUMO

O trabalho que será apresentado a seguir consiste em um estudo preliminar sobre o consumo de referenciais identitários a partir da remodelagem do corpo na cirurgia estética. Mais especificamente, o que se pretende tratar são as intervenções corporais que tomam como “molde” a imagem de celebridades, chegando a casos limítrofes como os que são abordados no *reality show “I want a famous face”*. Este programa televisivo se mostra bastante eficiente, enquanto ilustração midiática, para problematizar a busca pela notoriedade e reconhecimento dos sujeitos, que se submetem a inúmeros procedimentos mutiladores na tentativa de dar novo significado para sua existência. Para realizar esta investigação, alguns autores serão tomados como ponto de partida, tais como Bauman, Sibília, Rolnik e Le Breton.

PALAVRAS-CHAVE: Cirurgia estética; Corpo; Celebridades; Identidade; *I want a famous face*.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática de Estudos Interdisciplinares da Comunicação da Intercom Júnior – VII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Comunicação Social – habilitação em Publicidade e Propaganda da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) e-mail: anaholtz89@gmail.com

³ Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Comunicação Social – habilitação em Publicidade e Propaganda da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) e-mail: bru_mays@hotmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Mestre em comunicação e Práticas de Consumo pela Escola Superior de Propaganda (ESPM). Formada em Pedagogia pela Universidade de São Paulo (USP) e em Comunicação Social pela Escola Superior de Propaganda (ESPM), onde atualmente leciona. e-mail: paola@espm.br

O avanço da medicina possibilitou novas formas de lidar com o corpo. Tal como sugere Sibília (2002), na atualidade não somos mais obrigados a nascer e morrer exatamente como nosso DNA determina, podendo sempre que necessário, recorrer a intervenções estéticas que demonstrem rebeldia e devoção a tudo aquilo que, *a priori*, seria produção exclusiva da mãe natureza.

Aparentemente, a cirurgia estética tornou real o sonho daqueles que estavam insatisfeitos com a sua aparência: a desconstrução e reconstrução dos próprios contornos. Talvez por isso, a prestação deste tipo de serviço tenha se tornado tão representativa em termos numéricos nos últimos anos. Segundo pesquisa realizada pelo IBOPE (2010)⁶ estima-se que são feitas mais de 645 mil cirurgias plásticas por ano no Brasil, com diversas finalidades⁷. Números que colocam o país em segundo lugar no *ranking* mundial de cirurgias plásticas. Dados como esse sugerem grande demanda por intervenções corporais, que podem variar desde procedimentos relativamente simples e poucos invasivos, até intervenções efetivamente mutiladoras, que buscam a reconfiguração total do rosto, do corpo e, quiçá, da própria identidade.

De acordo com Rolnik (2002), a exigência que recai sobre o corpo, na atualidade, é a de maximização de possibilidades existenciais. Possibilidades estas, que se multiplicam em função dos inúmeros referenciais estéticos que são potencializados, inclusive, por imagens consagradas: figuras públicas, mais especificamente, celebridades. Tipos selecionados cuidadosamente para representar o belo, o desejável, o perfeito⁸ e, portanto, um possível protótipo do que seria o corpo laboriosamente modificado.

Tendo em vista a discussão sobre apropriação das celebridades enquanto parâmetros estéticos ideais, alguns questionamentos emergem e se mostram bastante fecundos neste trabalho. Não seriam estas figuras literalmente “moldes”, através dos quais se produziriam, cirurgicamente, “réplicas de identidades” consagradas pelo público? Por que para algumas pessoas possuir imagem e semelhança dos seus ídolos é tão importante? Gente comum, que pelos mais diferentes motivos decide aprimorar seu corpo, igualmente comum.

⁶ In: www.ibope.com.br acesso em maio/2012

⁷ É importante diferenciar a cirurgia plástica da estética: enquanto a primeira tem como objetivo recuperar a funcionalidade da região operada, a segunda não está relacionada a questões de ordem funcional.

⁸ Ainda que seja como um exemplo de oposição, como no caso da cantora Susan Boyle, participante do programa *Britain's got talent* que ganhou fama justamente por não corresponder ao padrão estético de beleza possuindo, entretanto, um talento “inesperado” para a sua imagem.

A partir dessas indagações, serão desenvolvidos dois momentos de análise reflexiva neste trabalho que serão apresentados na sequência. O primeiro deles consiste na discussão sobre a construção da subjetividade em um cenário de risco, no qual padrões estéticos corporais - apresentados inclusive pela imagem de celebridades - contribuem como um aparelho de homogeneização e consumo de identidades. O segundo se dedica basicamente à análise do *reality show - I want a famous face* – no qual os conceitos abordados serão retomados, ilustrando os questionamentos feitos ao longo do estudo.

(I) CORPO, IDENTIDADE E RECONHECIMENTO.

Antes de tudo, deve-se reconhecer que o corpo representa um lugar de predileção do discurso social (LE BRETON, 2011). Justamente pela sua condição de principal interface do indivíduo com o mundo e pelas exigências sociais às quais está submetido, “o corpo tornou-se um empreendimento a ser administrado da melhor maneira possível no interesse do sujeito e de seu sentimento de estética” (LE BRETON, 2011, pp. 31-32).

O corpo, portanto, é um patrimônio e requer zelo, não somente daquele que o possui, como também de todos que dele podem usufruir. Nesse sentido, compreende-se que o corpo é um dos recursos mais onerosos do indivíduo e dependente de doações de afeto e aprovação da sociedade. Assim, o que se permite representar pelo corpo são as pretensões do indivíduo em sua tentativa de se destacar como ser social. Daí, talvez, a importância de “maximizá-lo” ou reduzi-lo enquanto “simples aparência”. Nas palavras de Le Breton (2011, p. 32)

[...] A retirada para o corpo, para a aparência, para os afetos é um meio de reduzir a incerteza buscando limites simbólicos o mais perto possível de si. Só resta o corpo para o indivíduo acreditar e se ligar (LE BRETON, 2011, p. 32).

Assim como o estado de espírito, o corpo pode permanecer vivo sob diversas situações e provações, porém sua “naturalidade” nem sempre resiste com tanta bravura a sucessivas remodelagens. Ao sujeitar-se a intervenções cirúrgicas em *prol* de ideais estéticos, o corpo também se submete a condições limítrofes, na medida em que o indivíduo sofre uma violência, literal e simbólica, inerente a todo processo de desconstrução e reconstrução do eu.

Para Le Breton (2011), a modificação do corpo pressupõe o rompimento das fronteiras que, inicialmente, possibilitariam delimitar a identidade pessoal dos indivíduos. Sem estas fronteiras, se estabelece um sentimento de perda de sentido existencial, a partir do qual se pasteuriza qualquer singularidade capaz de comprometer a tão sonhada equiparação a imagens-referência.

Contribuindo com esta discussão, Rolnik (2002) problematiza o papel dos referenciais estéticos na sociedade contemporânea como verdadeiros entorpecentes, capazes de desconectar os indivíduos de sua subjetividade. Na visão desta autora, inclusive, a tentativa de adaptação do corpo é provocada pela influência de “aparelhos de homogeneização”, os quais fazem crer que uma existência verdadeira só será possível àqueles que permanecerem coerentes com os valores e padrões estéticos vigentes.

Estes últimos funcionariam como uma espécie de pré-requisito para acessar territórios existenciais privilegiados que, de acordo com Rolnik (2002), poderiam ser denominados de território das “subjetividades-luxo”. As chamadas “identidades *prêt-à-porter*” – no caso, identidades prontas para o uso desenfreado, mediante solicitação - atuam como códigos que desbloqueiam a passagem entre o “território-luxo” e outro, desqualificado, denominado “território-lixo”. Ou seja, possibilitam um reposicionamento “cartográfico” dos sujeitos, na medida em que implementam as condições necessárias para se capitalizar em termos sociais.

“Imagens dessa demarcação saturam o visível, dia e noite, num verdadeiro assédio cerebral: do lado de dentro, o *glamour* das identidades *prêt-à-porter* de uma subjetividade-luxo; do lado de fora, a abjeção das subjetividades-lixo.” (ROLNIK, 2002, p. 3). Um exemplo disto é o *reality show* “*I want a famous face*” que será discutido neste trabalho. Certamente ele se apresenta como uma ilustração bastante pertinente de como esses dois universos configuram, na atualidade, uma verdadeira fórmula do entretenimento televisivo. Por ora, entretanto, tomaremos estes conceitos apenas como parte da fundamentação teórica de nossa investigação.

Segundo Sibília (2008) o cenário contemporâneo enaltece o surgimento de um “*eu* mais epidérmico”, capaz de se adaptar às mais diversas exigências performáticas e transparecer seu valor, inclusive, pela própria superfície da pele. Dessa forma, é o corpo que deve denunciar, em última instância, as crenças, ideais e mesmo a personalidade dos indivíduos.

Se a identidade está impregnada no corpo, pode-se considerar que qualquer mudança ocorrida no plano corpóreo também seja identitária. Sendo assim, as características físicas dos famosos são fundamentais para a construção de suas identidades. Estas, por sua vez, são fortalecidas pela visibilidade proporcionada pela mídia, podendo se tornar objeto de desejo e consumo de todos aqueles que contemplam sua notoriedade.

É como se o nariz da Madonna, a boca da Angelina Jolie, o queixo do Elvis, estivessem à venda na clínica mais próxima. Suas linhas estão rascunhadas, prontas para serem aplicadas em qualquer superfície pronta para recebê-las. Nesses casos, no entanto, essas modificações pressupõem investimentos ainda mais significativos do que seria esperado em procedimentos cirúrgicos mais “convencionais”. Afinal, não se trata apenas de um aprimoramento, mas acima de tudo, uma promessa de reprodução de sucesso e reconhecimento.

(II) O ESPETÁCULO DA TRANSFORMAÇÃO: A MUTILAÇÃO DO ANONIMATO.

Em 2004 estreou o *reality show* “*I want a famous face*”. O programa seguia a rotina de jovens que se submetiam a cirurgias estéticas para ficarem parecidos com seus ídolos. A atração não financiava as intervenções, apenas fazia o acompanhamento dos procedimentos cirúrgicos, logo o único prêmio recebido era a exposição pessoal. Optou-se por esse programa, entre tantos outros com abordagem semelhante de “transformações estéticas”, pois ele permite observar mais explicitamente o desejo da conquista de uma identidade adjetivada, famosa.

O próprio nome deste programa, “Eu quero um rosto famoso”, é particularmente curioso: sugere não apenas um mercado aberto de celebridades, mas também de anônimos para quem a conquista de uma existência “verdadeiramente relevante” parece condicionada a hiperexposição. Para realizar esta análise preliminar, tomou-se alguns elementos presentes na narrativa do programa, tais como as falas dos participantes, a forma como são exibidas as imagens de intervenção cirúrgica e, principalmente, a estrutura cronológica utilizada para retratar as transformações no que tange a possibilidade de recriação de identidades.

Contando com uma estrutura narrativa não linear, o programa se inicia sempre com cenas da recuperação pós-cirurgia, para então introduzir a história do participante que será o protagonista do episódio. No primeiro bloco os participantes apresentam suas

motivações para a realização dos procedimentos estético-cirúrgicos, narrando sua admiração por determinada personalidade, que servirá como molde para seu novo rosto e corpo. A reação de seus familiares e amigos também é flagrada, ainda que nem sempre estes se mostrem condizentes com a iniciativa do participante.

No segundo bloco do programa, as primeiras consultas médicas são retratadas, os procedimentos que serão realizados são descritos e, na sequência, pode-se assistir a trechos das cirurgias, bem como a recuperação do paciente. No último bloco, são apresentadas as “consequências da mudança” na vida dos participantes do programa algumas semanas depois das intervenções. Neste momento costuma ser apresentado um ensaio fotográfico em que o participante interpreta o seu ídolo inspirador, ou é realizado apenas um relato a partir do qual se busca evidenciar como a transformação estética afetou a rotina, as relações pessoais e a expectativa desses indivíduos para o futuro.

Foram exibidos um total de 24 episódios, divididos em duas temporadas, de aproximadamente vinte minutos de duração, onde as mais diferentes celebridades foram usadas como “molde”, entre elas Brad Pitt, Arnold Schwarzenegger, Jennifer Aniston, Britney Spears e Victoria Beckham.

Para fins didáticos, dois episódios serão tomados como ponto de partida para reflexão. O primeiro deles⁹ tem como protagonista Jesse Garton que trabalha como *cover* do cantor Elvis Presley. Preocupado com a forte concorrência do seu emprego, decide se submeter às cirurgias para ficar, nas suas próprias palavras “mais próximo possível do homem”. O segundo episódio¹⁰ é o estudante Martin. Apaixonado por uma amiga, ele acredita que se tivesse a aparência do cantor porto-riquenho Rick Martin ganharia confiança para se declarar. Independente da motivação inicial, ambos procuram na imagem consagrada de uma celebridade a possibilidade de uma nova, e respeitada, identidade.

Conforme falado anteriormente, o programa não financiava as cirurgias; o grande trunfo recebido pelo participante era ter sua história registrada pelas câmeras de TV. A transformação em uma personagem midiática, por meio do relato público da mudança, permitia o deslocamento do indivíduo ao centro das atenções.

[...] esse relato não *representa* simplesmente a história que se tem vivido: ele a *apresenta*. E, de alguma maneira, também a *realiza*, concede-lhe consistência e sentido, delinea seus contornos e a constitui (SIBILIA, 2008, p. 32). (grifo da autora)

⁹ Sexto episódio da primeira temporada (2004)

¹⁰ Sexto episódio da segunda temporada (2005)

A visibilidade conquistada ao exibir-se publicamente assegura não apenas a sua exibição pública, mas também o registro e a aprovação de sua existência como algo efetivamente “relevante”. Ou seja, uma existência que pode, assim como no caso dos famosos, ser contemplada e consagrada.

Assim, a exposição da transformação corporal no programa “*I want a famous face*” aparentemente legitima o propósito reconhecimento, tornando-a ainda mais “real”. De fato, não há como negar que os meios de comunicação potencializam os possíveis efeitos de qualquer narrativa (JAGUARIBE, 2007). Portanto, pode-se dizer que, diferentemente dos outros *reality shows* com temática semelhante ¹¹, onde também são realizadas mudanças na aparência dos participantes, o programa em questão é curioso por levar ao limite a idealização do corpo e da própria fama, visto que ambos devem ser incorporados simultaneamente ao indivíduo.

Jesse Garton utiliza seu corpo para entregar ao público resquícios do que sobrou de Elvis Presley: sua figura célebre. O “Rei do Rock” é considerado ainda hoje uma das maiores celebridades do mundo, mesmo após seu falecimento, possui um faturamento anual de 55 milhões de dólares¹². Tal como um ícone de uma geração, influenciou não apenas a música, mas também ditou comportamentos, moda e modificou completamente a indústria fonográfica.

Garton deseja melhorar seu desempenho profissional, uma vez que a aparência é responsável por grande parte do sucesso ou fracasso de suas apresentações. Seu trabalho é “ser” Elvis. Logo no início do programa ele afirma: “você tem um Jesse e você tem um Elvis” como se houvesse um momento onde há a troca de uma identidade por outra, assim como ocorre no consumo de “identidades prêt-à-porter” (ROLNIK, 2002). Na visão deste participante, então, é como se fosse possível em determinado momento despir-se de Jesse para vestir-se de Elvis.

A aparente facilidade na troca de identidade conduz os indivíduos a procedimentos e práticas na tentativa de encontrar aquele que melhor se ajuste a suas necessidades momentâneas. Buscando saciar tais necessidades, Garton se submeteu a procedimentos como aplicação de *botox*, *peeling* facial, aumento dos lábios, implante de prótese no queixo e uma lipoaspiração, chegando a gastar cerca de U\$ 5.750,00 para

¹¹ Programas como “Dr. Hollywood”, “10 anos mais jovem”, “Mude meu look”, “Esquadrão da Moda”, “Mamãe Modelo”.

¹² Elvis Presley aparece como a segunda celebridade morta mais lucrativa, ficando atrás apenas de Michael Jackson, segundo dados da Revista “Forbes” 2011.

realizar sua transformação. Muitos desses procedimentos ofereciam riscos à sua vida, sendo motivo de objeções por parte de amigos. Porém estes mesmos riscos que inicialmente poderiam causar receio, acabam garantindo a “tranquilidade” de que, supostamente, tudo foi feito em prol da boa gestão de si mesmo (SIBILIA, 2010).

Na sequência, Jesse justificou-se: “não desejo ser um fantasma assustador para as pessoas, quero ser Elvis”. Tal afirmação se apresenta particularmente curiosa, afinal, através dela o que este participante sugere é que sua antiga identidade seja anulada pela de um ídolo já morto, tal como se o procedimento ocasionasse um “verdadeiro renascimento”. Tanto de Jesse, diga-se de passagem, como de Elvis.

Enquanto Jesse Garton encontrou na figura consagrada de Elvis Presley o seu trabalho, Martin tinha no cantor Rick Martin um exemplo de autoconfiança e sucesso. Aparentemente, Martin acreditava que ao possuir as feições do seu ídolo lhe trouxesse a determinação para ser mais autêntico, o que certamente, configura uma contradição. Ao contar para a família sobre as operações - ao todo Martin realizou seis procedimentos: levantamento de sobancelha, cirurgia no nariz, otoplastia, lipossucção, remoção de gordura da região da boca e implante no queixo com custo estimado em U\$ 26.500,00 - houve uma reação negativa. Sua irmã encontrou dificuldades para aceitar, pois entendia que ao realizá-las Martin deixaria de ser o “verdadeiro Martin”, mostrando como a noção de identidade, mesmo aquela proveniente do senso comum, está profundamente relacionada ao corpo.

Em ambos os casos, o que se tem é a possibilidade de maleabilidade da própria subjetividade, como se fosse possível a partir de sucessivas plásticas penetrar no tão sonhado “território-luxo” (ROLNIK, 2002).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Corpos famosos, corpos anônimos, identidades impregnadas na pele, no nariz, no queixo, na boca. O que se pretendeu problematizar nesse estudo foi a busca pela fama contada através de corpos modificados cirurgicamente.

Cabe enfatizar, nas últimas linhas deste trabalho, que em momento algum a investigação realizada assumiu como propósito qualquer juízo de valor sobre o fenômeno descrito. Na realidade, o que norteou estas primeiras articulações sobre o tema foi justamente a curiosidade sobre comportamentos que poderiam ser considerados limítrofes e, talvez por este motivo, tão bem representassem uma sociedade repleta de dilemas

existenciais. De fato, a assimilação de padrões estéticos e o avanço dos procedimentos cirúrgicos que visam o aperfeiçoamento do corpo, trazem a tona uma série de questionamentos, inclusive, a respeito dos limites físicos e simbólicos deste tipo de intervenção.

Em uma cultura incitada pela visibilidade, na qual celebridades se tornam referenciais de estética e comportamento, não se pode desconsiderar a importância desse verdadeiro entorpecimento de identidades que já se tornou, ele próprio, matéria prima para novas produções midiáticas. Assim, entende-se que muitos desdobramentos seriam possíveis a partir dessa temática.

Finalizando estas reflexões preliminares, então, acredita-se que novas considerações, tanto no âmbito de estudos do entretenimento televisivo, quanto sociológicas, psicológicas e por que não, pertinentes ao próprio campo da medicina, podem surgir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Z. **Vida para consumo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

JAGUARIBE, B. **O choque do real: estética, mídia e cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

LE BRETON, D. **Adeus ao corpo: Antropologia e sociedade**. Campinas: Papirus, 2011.

ROLNIK, S. A vida na berlinda. In: Giuseppe Cocco. (Org.). **O trabalho da multidão: império e resistência**. Rio de Janeiro: Griphus, 2002.

SIBILIA, Paula. **Celebridade para todos: um antídoto contra a solidão?**. *Cienc. Cult.*, São Paulo, v. 62, n. 2, 2010. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252010000200022&lng=en&nrm=iso. Acessado em 27 de maio 2012.

SIBILIA, P. **O show do eu**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2008.